



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Anais

III Seminário Internacional Sociedade Inclusiva *Ações Inclusivas de Sucesso*

Belo Horizonte
24 a 28 de maio de 2004

Realização:



Mesa Redonda “Educação Inclusiva - Estratégias e Recursos de Ensino”

O ESPAÇO DO OLHAR E AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DO NÃO-VIDENTE

Caroline Craveiro

Universidade Federal de Minas Gerais

R. Boaventura, 49 bloco 1A, 201, São Francisco, CEP 31270-020 - Belo Horizonte-MG

Telefone: (31) 3492 – 5816

E-mail: carolinecraveiro@yahoo.com.br

Resumo

Esta pesquisa busca aproximar-se das vivências espaciais do não-vidente na cidade e de sua maneira de traduzir este espaço geográfico, conferindo-lhe significados e representações. A necessidade de entender o entrelaçamento entre o ver e o conhecer foi fundamental à pesquisa, uma vez que o não-vidente lida, a todo momento, com conceitos e representações construídos a partir de experiências visuais. A partir do convívio com alguns alunos do Instituto São Rafael, de Belo Horizonte, e de suas experiências em alguns lugares da cidade (Praça da Liberdade, Centro e um shopping), procurou-se superar o comum dos conceitos, a conformação das representações, apesar da verificação do imperativo de conceitos e representações visuais sobre uma diversidade sensorial ainda pouco descrita e questionada pela Geografia.

Abstract

This research aims to get closer to the space experiences of blind people in the city and in their way of understanding such a geographic space, taking from it their own meaning and interpretation. The need of interpreting the link between seeing and knowing was essential to such a research, because blind people deals, all the time, with concepts and images built based on visual experiences. Through the contact with some students from São Rafael Institute, in Belo Horizonte, and through their experiences lived in some places in the city (Liberdade Square, downtown and a shopping center), we tried to overcome the commonest of the concepts, the acceptance from the traditional representations, despite of the fact of the imposition of those concepts and representations about a sensorial diversity which was not so much described and studied by Geography.

INTRODUÇÃO

O espaço do olhar e as vivências espaciais do não-vidente é resultado de uma pesquisa desenvolvida durante a graduação em Geografia e consiste na tentativa de aproximar-se da forma como o não-vidente vivencia os espaços da cidade, a fim de encontrar seus sentidos para o próprio espaço e para os modos de percebê-lo e significá-lo.

O artigo propõe um percurso que se inicia com a temática de como o indivíduo moderno habita a cidade e como é habitado por ela^[1] e de como esta existência do indivíduo na cidade atinge sua experiência corporal, sua forma de perceber e de se relacionar com o outro e com o espaço. À esta situação corporal e de sentidos, a que se expõe o indivíduo na cidade, conjuga-se a excelência dada ao *olhar* que, de certo modo, usurpa os demais sentidos e instaura uma situação totalitária que não se preocupa com a *diferença*, sendo insensível à alteridade.

A natureza do *olhar* é também enfocada, uma vez que procuramos entender como o olhar e o conhecimento se entrelaçam e como esta ligação se fez durante a história do pensamento. O olhar que, num dado momento, também rejeita os olhos e os sentidos imprecisos que ameaçam a construção de uma ciência pura, absoluta, exata.

A partir daí, procuramos aproximarmos-se do não-olhar, do não-vidente, de uma outra forma de estar e de ser no mundo, tendo o corpo como ponto de partida. Para seguir este momento, além das leituras realizadas, também foi necessário o convívio com pessoas deficientes visuais que experimentam e conhecem o mundo a partir de suas vivências sensoriais e a partir do diálogo que mantêm com a cultura e com as vozes dos que vêem. Estas atividades foram realizadas junto aos alunos do Instituto São Rafael em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Não há como prometer respostas nem vírgulas precisas, apenas uma pontuação coerente com aquilo que foi observado e discutido durante a pesquisa. Cada frase realiza-se por passos labirínticos, seja pela cidade, pelo olhar, pelo corpo, pela escuridão traduzida do outro.

A CIDADE MODERNA – SUBJETIVIDADES DE CONCRETOS

Antes de iniciarmos a discussão em torno das formas e das situações às quais o indivíduo está exposto na cidade moderna, onde o olhar torna-se um imperativo perceptivo e o espaço se torna algo habitado por formas e estruturas abstratas fundadas da imaterialidade permitida pela própria desencarnação do olhar, e por onde o não-vidente estabelecerá seus referenciais e significados espaciais sob as tensões de confrontos perceptivos, de fórmulas de tradução que desconsideram seus modos de ser e de estar, é necessário compreendermos a cidade moderna, como expressão de um processo mais amplo. As qualidades, os atributos, as formas que estão contidas nesta forma de habitar, de passar, de aglomerar e os gestos cotidianos que se diluem por esquinas e viadutos expressam os movimentos que reproduzem o fenômeno urbano.

Na modernidade, produziram-se novas formas de existência na cidade e instauraram-se relações sociais que em muito se diferenciam daquelas que se realizavam nas formas antecedentes de cidade. A cidade moderna incorpora um novo modo de produção e de vida e passa a conter os elementos desta nova dinâmica, estabelecendo configurações e relações espaciais próprias. As cidades espelhariam a partir deste momento as formas e elementos dos centros de produção e de consumo e estariam intimamente relacionadas com o mundo do “urbano” [2].

A cidade moderna, produzida pelo urbano, aparece como o lócus de todas as aspirações e conflitos do homem moderno. A cidade se metamorfoseia provocando miragens. Miragens estas que são gestos de um processo contínuo de composição e fragmentação. Sob forma de metrópole, a cidade moderna, transfigurada, múltipla e plural, expõe o indivíduo moderno a vivências jamais experimentadas em toda a história da civilização.

Georg Simmel em *A Metrópole e a Vida Mental* ^[3], afirma que os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que o indivíduo faz de preservar a autonomia e a individualidade de sua existência diante de forças sociais esmagadoras, assim como da herança histórica, da cultura externa e da técnica da vida. (Simmel, 1987:11) Ele aponta para o fato que de a pessoa resiste a ser nivelada e uniformizada pelo mecanismo sociotecnológico instaurado pela vida moderna e a partir daí, o autor procura compreender como a personalidade se acomoda nos ajustamentos às forças externas.

Segundo Simmel, a metrópole coloca o indivíduo diante da intensificação de estímulos nervosos, o que resultaria na alteração brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores. Para o autor, o indivíduo metropolitano recorre ao intelecto, que situado nas camadas transparentes, conscientes, é mais adaptável e não provoca os transtornos interiores para que seja possível acomodar-se às mudanças, aos contrastes. (Simmel, 1987:13) No indivíduo metropolitano haveria uma conscientização crescente que assumiria a prerrogativa do psíquico e a intelectualidade então preservaria a “vida subjetiva contra o poder avassalador da vida metropolitana”.

A imposição de uma nova precisão, de uma exatidão calculista da vida prática, de uma certeza de identidades e diferenças, dadas por clichês e pela ausência da ambigüidade nos acordos e combinações faz com que a metrópole esteja assentada sobre os pilares da pontualidade, da calculabilidade e da exatidão para criar um “calendário estável e impessoal” capaz de sincronizar as relações e atividades deste complexo organismo.

A idéia de uma cidade petrificada, imune a acasos e imprevistos, choca-se com a sua disponibilidade para se fazer, além das aparências, um espaço de enunciações significativas, por onde as pessoas sintam-se contidas na diversidade de ser e de existir. O uso, enquanto possibilidade de apropriação e reapropriação dos espaços sociais, a necessária ação de ocupar, não deve desconsiderar a experiência corporal do indivíduo

moderno, o seu modo de se mover, o que vê, o que ouve, os odores que chegam às suas narinas, o que, como e onde comem, etc. Não podemos desconsiderar a existência do corpo e o modo como ele se apropria destes espaços.

Em *Carne e Pedra*, Richard Sennett^[4], contar a história da cidade através da experiência corporal do povo, aponta para questões como: "(...) a privação sensorial a que aparentemente estamos condenados pelos projetos arquitetônicos dos mais modernos edifícios; a passividade, a monotonia e o cerceamento tátil que aflige o ambiente urbano" (Sennet, 1997:15). É interessante perceber que esta carência dos sentidos é notável nos tempos modernos, tempos que tanto privilegiam as sensações do corpo e a liberdade de movimentos. A cidade moderna disponibilizada em espaços fragmentados produziria nas pessoas o enfraquecimento dos sentidos e uma acentuada passividade corporal.

A passividade do corpo corresponde a uma certa apatia de sentidos. Individualismo e velocidade estariam a amortecer o corpo moderno, não permitindo que ele se vincule e que perceba a própria diversidade corporal. Se os espaços da cidade tornam-se lugares para se passar a vista, como tentar apreendê-los e traduzi-los a partir de todas as possibilidades sensíveis e perceptivas do corpo? "A visão impõe: toda distância ou nenhuma"^[5] e assim, a cidade moderna faz imperar o visual, aquilo que é visível e vidente, pois através do tato, por exemplo, o indivíduo moderno corre o "risco de perceber algo ou alguém como estranho". Contudo, a própria natureza desta visão, a todo o momento, é posta diante da fileira de questões até aqui apontadas.

O OLHAR

A visão adquiriu prestígio em nossa cultura, concentrando em si a inteligência e o desejo. Como não reconhecer inúmeras palavras e expressões, utilizadas cotidianamente, que nos remetem à "força" e à "verdade" dadas ao ato de ver, ao sentido da visão, ao olhar? Marilena Chauí, em *Janela da Alma, Espelho do Mundo*^[6], aponta para a intimidade entre o léxico do olhar e o léxico da filosofia, a começar por palavras que servem de alicerce ao conhecimento, tal como *théoria* (ação de ver e contemplar, nasce de *thórein* – contemplar, examinar, observar; *theoremata* – o que se pode contemplar, examinar, regra, espetáculo e preceito; *théoros* – espectador).

Segundo Marilena Chauí, dos cinco sentidos, somente a audição, “referida à linguagem, rivaliza com a visão no léxico do conhecimento (...) Expressões táteis, olfativas, gustativas e cinestésicas cumprem um papel preciso, qual seja, trazer o invisível – pensamento- ao visível”. Assim, mesmo que haja a participação de impressões táteis, olfativas, gustativas e outras na elaboração de conceitos e termos, estes se subordinam às impressões e às considerações visuais.

O privilégio do olhar é reconhecido pela autora a partir de inúmeras referências ao longo da história às quais ela recorre para demonstrar o forte entrelaçamento entre ver e conhecer. Para Adauto Novaes^[7], todos os filósofos ou sistemas filosóficos falaram sobre o olhar ou a partir dele. Este olhar é o olhar da ciência, que ao longo dos tempos, qualificou-se até o ponto de ser geometrizado, de tal forma que se tornou capaz de apagar as “imperfeições” do mundo até então apreendidas pelos ingênuos e inexatos sentidos. Este distanciamento do mundo sensível dirigiu o olhar para “um ver concentrado no mundo da Idéia”. A cegueira da imaginação (superstições, fantasias, enganos) é substituída pelo pensamento de ver, encarregado do “mundo dos nomes”, isto é, as imagens que contêm a verdade, os conceitos.

O olhar, proporcionado pela geometria da luz e das lentes torna-se o modelo de visão apropriado para a função de conhecer. Este processo de purificação do olhar, as tentativas de torná-lo analítico e preciso, protegido da promiscuidade do visível, criaram um olhar desencarnado. O olhar desencarnado provém desta suposta ruptura com os sentidos, com a imprecisão das sensações, na substituição por um olhar isento de incertezas.

Diante disto, quem seria o sujeito do olhar? A esta pergunta, Marilena Chauí responde que para os modernos e idealistas, o sujeito que olha é o intelecto, o entendimento, a consciência como poder constituinte do objeto enquanto significação. A partir disto, faço minhas as perguntas de Chauí, 1994:57-8 : *“Como então abandonar este espectador intelectual absoluto e regressar ao vidente? Como regressar ao lugar abandonado pela modernidade, pelo idealismo, pelo positivismo? Como interrogar ainda uma vez a experiência de ver, o olhar?”*

O olhar que deseja reencontrar-se com o corpo empresta, à ciência, o “há prévio” que propôs Merleau-Ponty. Ao enfatizar o corpo e a experiência perceptiva, o autor afirma que

o sentido é imanente ao movimento, posto que a relação no mundo é sempre significativa. Todo o saber estaria instalado “nos horizontes abertos da percepção” e como acreditava Epicuro : “os sentidos são os mensageiros do conhecimento”. Assim, podemos chegar a uma outra forma de entrelaçamento entre o ver e o conhecer, não mais com a pretensão de um conhecimento purificado da carne ^[8] dos sentidos.

CORPO

Ao buscar o corpo e a experiência perceptiva a partir das relações estabelecidas com o entorno, deparamo-nos com o caráter de totalidade do corpo, algo não fragmentado. Os sentidos seriam imanentes ao movimento, numa relação com o mundo sempre significativa.

Na experiência do corpo enraíza-se o espaço na existência (Bettanini, 1985:111). O corpo torna-se algo fundamental para a elaboração da noção de espaço, pois é o “eu natural e o sujeito da percepção” ^[9]Somos corpo e estamos num “mundo” porque com o corpo o percebemos. Enquanto espaço primordial, faz-se a origem de todos os outros espaços. ^[10]

Comparado à obra de arte, o corpo se traduz no emaranhado de significações tecido por percepções táteis, visuais, auditivas, que participam de um mesmo movimento, de um mesmo gesto. O corpo que dispõe de todos os órgãos de sentido não é o mesmo corpo que possui a ausência de qualquer um deles. O modo de estar e de relacionar com o “mundo” muda. Os sentidos (visual, tátil, auditivo) traduzem-se uns aos outros sem necessidade de intérpretes, formam algo conexo e simultâneo.

Considerar o corpo, muito além de um suporte, enquanto o próprio espaço e sentidos para este espaço, reconhecendo que cada órgão dos sentidos interroga o objeto à sua maneira ^[11] faz-se necessário. Estas especificidades de cada um dos sentidos os tornam distintos, tanto que cada um deles possui uma “estrutura do ser que não é nunca exatamente transponível”. ^[12]

A tradução do corpo e dos sentidos do outro, as representações para seus pensamentos são povoadas pelas errâncias de metáforas, como o “silêncio” e “escuridão” dos surdos e

dos cegos congênitos. Esse silêncio e essa escuridão são projeções de ouvintes e de videntes para a condição deles.

CEGUEIRA - APROXIMANDO-SE DO OUTRO

A cegueira é compreendida, geralmente, como a ausência ou a imperfeição da visão. Contudo, o que a maioria das pessoas ignoram é a cegueira acaba reorganizando o desenvolvimento corporal e intelectual do indivíduo. O “equipamento sensorial” e o processo de observação são organizados de maneira diferente na pessoa cega e o próprio mundo perceptivo não é o mesmo no qual vive a pessoa dotada de visão. Muitos educadores negam esta diferenciação na organização sensorial e perceptiva e acabam desenvolvendo para as crianças cegas atividades que sugerem a apreciação visual de tamanho, forma, distância e cor.

Quando não estimulada adequadamente, a pessoa cega de nascença perde parte da plasticidade do movimento, desenvolvida nos primeiros meses de vida. A pessoa fica, fisicamente, diferente dos outros, uma vez que não desenvolve o comum das expressões fisionômicas, dos gestos, das atitudes e dos meneios das outras pessoas. Para o bebê cego, o mundo limita-se ao próprio espaço que ela ocupa. A partir do desenvolvimento da audição, então, começa-se a perceber que há qualquer coisa além desse espaço. Nestas crianças, as experiências sonoras ainda não têm qualidades de extensão, direção ou localização espacial, que serão desenvolvidas quando a atividade motora for estabelecida, como o engatinhar e o andar. *Num berço onde falta a luz, o movimento escasseia.* (VEIGA, 1983:4)^[13]

Sentidos

O tato não proporciona a compreensão global e sintética. Compõe a imagem analiticamente, parte por parte, satisfazendo-se com as três dimensões do objeto tocado. A visão contenta-se com os desenhos, os traçados de duas dimensões e possibilita, mais facilmente, a idéia de conjunto. O tato busca calor, frescura, vibrações, rugosidades,

maciez, aspereza, consistência. Mesmo através dos sapatos, o tato dos pés indica a natureza do terreno em que se caminha. A percepção tátil não compreende a beleza de um objeto no mesmo sentido em que é compreendido através da visão.

O olfato, segundo Veiga, 1983:35, também facilita ao cego melhor relacionamento com o mundo. Odores por onde passam, ajudam-no na sua locomoção sem guia.

O cego congênito demonstra um alto grau de diferenciação sonora. Contudo, o processo pela qual a criança cega aprende as relações diretas entre o som ouvido e o objeto sonoro é longo. Este processo envolve explorações e identificações táteis de objetos e se dá, principalmente, a partir do momento em que a criança começa a andar. A locomoção é importante, pois permite a distinguir a direção de onde vem o som. É fundamental a movimentação da criança cega para que a direção torne-se parte do som e o espaço desta criança não seja apenas a posição momentânea do seu próprio corpo.

O som é rico em relações espaciais e não deve ser atribuído apenas ao objeto sonoro. Seu lugar e sua origem, devem ser sugeridos em sua percepção.

Segundo Veiga, 1980, as diferenças de ruídos, as particularidades das vozes, o som dos próprios passos e dos passos dos outros, o ruídos de diferentes objetos, campanhas, das lojas por onde passa, o barulho dos sinais, buzinas, veículos, ligam a pessoa cega com o mundo e servem-lhe de orientação em suas caminhadas. É comum que desenvolva certas habilidades auditivas, mas pela maior observação dos estímulos audíveis do que por melhor acuidade dos ouvidos.

O NÃO-VIDENTE NO MUNDO DO VISUAL

As imposições ao deficiente visual de estruturas, significados e conceitos de um mundo “visto”, “visível”, assim como as fissuras de projetos educacionais voltados para o deficiente visual que o considera a partir de sua deficiência e não se volta para suas possibilidades e potencialidades, são discutidas por Elcie Mansini ^[14], que denuncia o aspecto totalitário de uma situação social que adentrando os limites da escola desconsidera a diferença. Este desvio da compreensão da diferença levaria à rejeição do singular e à desvalorização do não-vidente. Segundo a autora, para aqueles que fizeram

do olhar o senhor absoluto na ordem do conhecimento, “o não-olhar, o a-teórico seria o im-possível, im-próprio, incapaz de alçar-se ao patamar teórico, da contemplação, em suma da ciência”^[15].

No universo da experimentação e da elaboração das noções de espaço e das formas como a espacialidade é vivida e reconhecida pelo não-vidente, a relação com o outro nas experiências do diálogo faz-se presente e constante e não pode ser desconsiderada. O diálogo entre vozes que não vêm e as que vêm possui os contornos desses mundos diferentes. A partir desse diálogo é que se dá o exercício da descoberta do outro e de si mesmo, e do espaço preenchido por suas vozes e por seus silêncios.

Esse campo de reciprocidade, revelador, onde são compartilhados diferentes modos de estar se realiza na experiência do diálogo. Nestes podem existir meandros de incompreensão, desencontros, pluralidade de sentidos.

Quando se cria com o deficiente visual um campo de reciprocidade para o diálogo entre as experiências de videntes e de não-videntes, a comunicação não se fará tranquila, posto os conflitos, o inacessível, as tensões que sinalizam para diferentes experiências, diferentes significados. É neste jogo de enunciações, na fronteira entre estes mundos, que são formulados idéias, noções, conceitos, sentimentos.

A imposição de conceitos e significados visuais não anula as experiências dos não-videntes e o seu mundo perceptivo, mesmo que estes tenham que incorporá-los sem experimentá-los. Contudo, esta incorporação de conceitos visuais não se faz distante da experimentação que realizam pelo tato, pela audição, pelo olfato, pelo paladar. São significados visuais que ganham outros conteúdos para serem então incorporados. Mas, até que ponto, podemos afirmar que certas estruturas do mundo visual possam ter sentido, senão podem ser experienciadas? Por que sugerir paisagens que não podem ser tocadas?

NÃO VER: ESPAÇO?

Por meio de suas experiências corporais, o indivíduo entra em contato com outros corpos e adere a um espaço cujos significados são construídos a partir do conteúdo de cada

experiência. Privado da visão, o deficiente visual construiria também a sua noção de espaço, apoiado nos sentidos de que dispõe? Qual seria a natureza deste espaço e como transpor os limites de seus sentidos? Estas perguntas exigem muito mais do que estamos propondo nesta pesquisa. Suas respostas escapam dessas primeiras margens de procura. Entretanto, se é pelo espaço que estamos aqui, se é este o “alvo geográfico” deste corpo-texto, como traduzi-lo não-avistado? Como não fatorá-lo em distância, em profundidade, em largura, altura? Como não evocar por olhos?

Se nos permitirmos um salto para pensar que a vida desenvolve-se no espaço e que vivê-lo significa senti-lo em “primeira pessoa”, referindo-o ao “meu corpo” ^[16], há uma espacialidade no mundo do não-olhar, posto que há corpo e sentidos. Há o que Tonino Bettanini identifica como o “esquema corpóreo” – espaço do próprio corpo, requisito da espacialidade. Segundo Bettanini, o esquema corpóreo reporta-nos à noção de espaço vivido – amatemático, ageométrico. Assim, não há porque considerar a partir disto o espaço ausente para o não-vidente. Ele não vivencia apenas o tempo, pois, primordialmente, ele é corpo e habita. Partindo de seu corpo, saberá de uma extensão para este espaço, dada por suas vivências com outros corpos.

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES JUNTO AOS ALUNOS DO INSTITUTO SÃO RAFAEL

Estas atividades consistiram em um subprojeto desenvolvido no Instituto São Rafael com a turma da sétima série de 2001, composta de sete alunos. Este subprojeto intitulado *A Cidade Invisível*, propunha possibilitar ao aluno experimentar diferentes situações espaço-temporais, em diferentes lugares da cidade de Belo Horizonte. Assim, poderíamos nos aproximar de sua forma de perceber e de experimentar o mundo, levantando discussões acerca das formas de percepção, de leitura e de tradução destas realidades espaciais. Estes lugares permitiriam a exposição dos alunos a diferentes situações de barulho, de circulação de pessoas e de veículos, de ventilação, áreas vegetadas, etc. e de usos destes espaços. Foram realizadas em três lugares: na Praça da Liberdade, na Praça Sete e num *shopping*.

Os lugares foram percebidos e concebidos a partir do diálogo entre os alunos (não-videntes) e as pessoas que também estavam no lugar (videntes). A construção de “noções” sobre estes lugares e sobre o que estava acontecendo neles era dada pela interação deles com o lugar e com as pessoas. Este diálogo constava de informações e troca de opiniões sobre o lugar, e permitiu aos alunos questionar as outras pessoas sobre o motivo pelo qual os freqüentam, o número de vezes que passam ou que passeiam por lá, o que melhorariam nestes lugares, o mudariam, etc. Estas conversas eram marcadas pela descrição e narração de gestos cotidianos, de hábitos e necessidades que povoam o dia-a-dia das pessoas. Os alunos chegaram até mesmo a discutir os modos de aproximação do outro, a fim de iniciar uma conversa.

Durante toda a realização da atividade era construído um diálogo entre não-videntes e videntes. E pensar em diálogo requer que pensemos também num jogo de enunciações, num jogo de vozes, de pensamentos, assim como num certo “peso” ou “poder” de cada voz.

Nos relatos, verificamos que mais do que a construção de uma imagem do lugar, uma possível configuração espacial ou ilustração, o que marcou os alunos nesta experimentação foi o contato, em sua mais rica significação. O contato com as pessoas que faziam o lugar naquele momento. O contato não apenas com as pessoas, mas também tudo o que estava ao alcance de suas mãos, de seus ouvidos, dos seus narizes. Neste contato, havia o diálogo, havia a busca por traduções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início, é importante constatar que, nas atividades desenvolvidas, a resistência de alguns dos alunos na expressão de suas experiências perceptivas decorre da pouca experiência que têm em atividades onde é esperado deles a fala de suas sensações, a descrição de lugares e pessoas a partir de sua própria experiência e não a partir do olhar do outro. É um grupo onde muitos estão descobrindo a própria espacialidade e ainda não se aventuram pelas trilhas urbanas sem um guia. Esta iniciação em vivenciar diversos espaços pela cidade é demonstrada pela euforia de alguns em “descobrir” lugares dos quais sempre ouvem falar. É importante sinalizar que durante todo o tempo em que as

atividades foram realizadas, os alunos estavam sendo guiados por videntes. A realização das mesmas atividades com um grupo mais “independente” espacialmente^[17], talvez resultasse em descrições e elaborações que traduzissem com mais proximidade a própria percepção. Verificamos a importância de exercícios como estes, onde a forma de experimentação do mundo possa ser investigada, a fim de enriquecer nossas próprias concepções a respeito da “realidade”.

Das experiências sensoriais desenvolvidas nos campos, obtivemos poucos registros, escritos e/ou gravados, que qualifiquem os conteúdos desta percepção. Os alunos foram resistentes em arriscar formular seus textos sem o “nexo” das estruturas narrativas centradas no visual. A descrição centrada no olhar ainda é aquela associada à verdade, uma vez que descortina o lugar, enumerando suas riquezas de ângulos, cores, formas, luzes, etc.

As atividades de campo possibilitaram o experimento de diferentes situações espaço-temporais, em diferentes lugares da cidade de Belo Horizonte. A escolha destes lugares foi feita tendo como referência a sua disposição e a organização, seus usos e a forma de ocupação destes lugares, assim como os atributos que os compõem (rugosidades, ritmos, sons, etc.) e os significados que têm para as pessoas que os vivenciam. Na praça da Liberdade, na praça Sete e no *shopping Cidade*, os alunos estiveram diante de situações espaciais que se realizavam e se significavam nos gestos apreendidos por cada um deles, ora nos seus próprios ora nos gestos das outras pessoas.

O contato com outras pessoas representou importante momento durante as atividades. Momentos onde os alunos se deparavam com percepções e indagações diferentes das suas, onde puderam perguntar ao outro sobre como sentiam, o que pensavam e assim, confrontar diferentes modos de vivenciar uma determinada realidade espacial. Esses diálogos representavam além de uma aproximação do outro, uma superação da própria condição de deficiente visual. Os alunos aproveitavam intensamente o momento das conversas, demonstrando o desejo de saber do outro, das vivências do outro.

Aproximamo-nos de como o não-vidente vivencia os espaços da cidade, materialização de um processo mais amplo que abrange o fenômeno urbano e não se desvincula de um modo específico de produção. Na busca de traduzir os gestos do outro cuja espacialidade se enraíza no corpo que, pela ausência do olhar, possui uma estrutura perceptiva própria

e definida pelas especificidades dos outros órgãos de sentido, a pesquisa precisou considerar não apenas as qualidades espaciais produzidas pelo mundo moderno e expressas na cidade mas as implicações que estas estruturas, cada vez mais centradas na “imaterialidade” permitida pelo olhar, impõem ao indivíduo. À medida que nos aproximamos do outro, reconhecemo-lo corpo e senhor de uma espacialidade que ganha extensão e significados a partir de suas experiências corporais.

Esta aproximação permitiu a enunciação de novas possibilidades de tradução para a - ainda não esgotada - “realidade”. As relações estabelecidas com diferentes “realidades” espaciais pelo não-vidente seriam o foco para nossos olhares, agora não anestesiados pelo comum dos conceitos, pela conformação das representações, apesar de que esta aproximação permitiu-nos verificar o imperativo de conceitos e representações visuais sobre uma diversidade sensorial ainda tão pouco descrita e narrada.

Deparamo-nos com a pluralidade contida no próprio significado de espaço que, em muitos momentos, adquiriu conteúdos diferentes, seja considerando-se as especificidades dos sentidos em produzi-lo, seja na forma de concebê-lo nas fronteiras que mantêm com o corpo. A impossibilidade de sentir como o outro, provoca a alternância entre o encontro com o outro e o encontro consigo mesmo.

O não-vidente ao vivenciar as configurações do espaço urbano que ganha, a cada dia, contornos, escalas e meandros fundados na produção de abstrações do mundo moderno experimenta o sentido da distância. O distanciamento entre o espaço produzido pelo olhar e suas vivências espaciais, centradas na materialidade. A visualização exacerbada, alicerçada na velocidade e no individualismo, a passividade corporal, o cerceamento tátil, a distância criada pela aglomeração, o incômodo nas trocas de palavras produzem uma realidade que não considera as experiências do não-vidente. As relações espaciais estabelecidas pelo não-vidente estão nas bordas das experiências visuais que se impõem no mundo moderno. Margens estas que possibilitam a descoberta de outros conteúdos e de outros referenciais perceptivos, que representam a travessia entre formas de sentir, cujas direções diversas não podem ser desconsideradas pelo pensamento como outras possibilidades de conhecimento.

NOTAS

[1] A idéia de habitar a cidade e ser habitado por ela vem de um ensaio de Rouanet sobre Walter Benjamin. *É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?* . Sérgio Paulo Rouanet. In: Dossê Benjamin, Revista USP, nº 15, set/out/nov. 1992

[2] “O urbano não é uma realidade acabada, é o possível, é um horizonte. Não se pode ver o urbano porque os olhos estão condicionados a enxergar a magnitude das fábricas e indústrias. O urbano (o espaço urbano, a paisagem urbana), não o vemos. Nós ainda não o vemos. Será simplesmente o olho formado (ou deformado) pela paisagem anterior que não pode ver um novo espaço? Tratar-se-á simplesmente do olhar cultivado pelos espaços aldeões, pela magnitude das fábricas, pelos monumentos das épocas passadas? Há isso, como há mais e outra coisa. Não se trata somente de uma ausência de educação, mas de ocultação. O que olhamos, na verdade, não enxergamos. (...)” (Lefebvre, 1999:38)

[3] SIMMEL, Georg. “A Metrópole e a Vida Mental” em: “O Fenômeno Urbano”. Org. Otávio Guilherme Velho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. P.11-25

[4] SENNETT, Richard. “Carne e pedra”. Trad.Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997.

[5] N.B.Peixoto, *Passion - Itinerário de uma anunciação*, In: *Artepensamento: Companhia das Letras*, 1994, p.381

[6] CHAUÍ, Marilena. “Janela da Alma, Espelho do Mundo”. In: “O Olhar”. org. Aduino Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1994 – p.31-63

[7] NOVAES, Aduino. “De olhos vendados”. In: “O Olhar”. Org. Aduino Novaes. Companhia das Letras, 1994, 1994- p.9-19.

[8] “(...) Chamo-a, não obstante, carne para dizer que ela é a pregnância de possíveis” – Aduino Novaes, 1988: 14.

[9] Conf. M-Ponty, 154,155.

[10] “Nosso corpo é ‘um espaço expressivo’ atravessado pelas intencionalidades motoras (...) não é um espaço qualquer mas está na origem dos outros” (A. Bonomi, 72)

[11] conf. MANSINI, E.F.S. “O perceber e o relacionar-se do deficiente visual: orientando professores especializados. Brasília: CORDE, 1994 p.87.

[12] conf. Merleau-Ponty, 1971:231.

[13] VEIGA, J.Espínola. “O que é ser cego: a situação dos cegos em todo o mundo corajosamente esquadrihada e esclarecida por um cego de 75 anos...” Rio de Janeiro: J.Olympio, 1983. Aos dois anos de idade, contraiu varíola e ficou totalmente cego. Trabalhou na reorganização da Imprensa Braille do Instituto Benjamin Constant, na criação da Revista Brasileira para Cegos, etc. Traduziu para o português duas obras de Helena Keller. Em 1946, publicou um livro de memória, *A vida de quem não vê*. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1946.

[14] MANSINI, Elcie F. Salzano. “O perceber e o relacionar-se do deficiente visual: orientando professores especializados”. Brasília: CORDE, 1994 . 161p

[15] conf. MANSINI, 1994:22.

[16] BETTANINI, T.

[17] Considerando aqui a vivência do espaço que ultrapassa os limites do próprio corpo e que pressupõe a experimentação do confronto com objetos, com o espaço do outro, etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTANINI, Tonino. *Espaço e Ciências Humanas*. Trad. Liliana Laganá Fernandes. (Col. Geografia e Sociedade). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982 157p.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Vol.1- Artes de Fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. Janela da Alma, Espelho do Mundo. In: NOVAES, Adauto (Org.) *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994 – p.31-63.
- CUTSFORTH, Thomas Darl. *O cego na escola e na sociedade – um estudo psicológico*. American Foudation for the Blind, INC, New York . 1969
- DIDEROT, Denis, 1713-1784. Carta sobre os Cegos – para uso dos que vêem In: CHAUÍ, Marilena de Souza e GUINSBURG, J. (org). *Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1970 (Os Pensadores) –p.3-38.
- FONSECA, Raquel Alves. *Alfabetização Cartográfica para alunos com deficiência visual*, 1999. (Monografia de graduação). Instituto de Geociências, UFMG.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. *O Olhar e a Prova*. Belo Horizonte: IGC, UFMG, 1999 – no prelo.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica – cartografias do desejo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986. 327p.
- MANSINI, Elcie F. Salzano. *O perceber e o relacionar-se do deficiente visual: orientando professores especializados*. Brasília: CORDE, 1994. 161p.
- MATOS, Olgária. Imagens sem Objeto. In: NOVAES, Adauto. *Rede Imaginária; televisão e democracia*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura e Companhia das Letras, 1991 p. 15-37.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo: Abril Cultural, 1975 (Col. Pensadores. Textos Escolhidos, XLI).

- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.
- NOVAES, Adauto. De olhos vendados. *In*: NOVAES, Adauto. *O Olhar*. Companhia das Letras, 1994, 1994- p.9-19.
- PENZIM, Adriana M^a. B. Subjetividade na cidade moderna: uma aproximação entre Simmel e Guattari. *Cadernos de Ciências Sociais*, v.17, nº 10, julho 2000- Belo Horizonte: PUC Minas, p.34-46.
- SACKS, Oliver W. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. Trad. Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia da Letras, 1995 p.123-164.
- SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. Trad.Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental *In*: VELHO, Otávio Guilherme (Org). *O Fenômeno Urbano*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- VEIGA, J. Espínola. *O que é ser cego*. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1983.